



ICTR 2004 – CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA EM RESÍDUOS E
DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Costão do Santinho – Florianópolis – Santa Catarina

**O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DE COMUNIDADES RIBEIRINHAS
UTILIZANDO ESPÉCIES VEGETAIS NA PRODUÇÃO DE ARTESANATO**

Santos, Nubia Suely Silva
Dias, Bruno de Souza
Dias, Bruno do Nascimento
Silva, Luís Antônio Wanzeler

PRÓXIMA

Realização:



ICTR – Instituto de Ciência e Tecnologia em Resíduos e Desenvolvimento Sustentável
NISAM - USP – Núcleo de Informações em Saúde Ambiental da USP



O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DE COMUNIDADES RIBEIRINHAS UTILIZANDO ESPÉCIES VEGETAIS NA PRODUÇÃO DE ARTESANATO

SANTOS, Nubia Suely Silva²
DIAS, Bruno de Souza³
DIAS, Bruno do Nascimento³
SILVA, Luís Antônio Wanzeler⁴

Resumo:

Subentende-se o desenvolvimento sustentável como a maneira de alcançar um determinado crescimento econômico sem a degradação do meio ambiente e seus recursos naturais. Em função disso busca-se descobrir novas formas de aproveitamento das matérias-primas encontradas em abundância no Estado do Pará, que não a madeira. Algumas comunidades ribeirinhas do Estado têm se mostrado com amplo potencial de geração de renda através da coleta e manufatura de algumas partes de palmáceas (vegetais não lenhosos), que são utilizados na produção de artefatos com a inserção de trançado de palha. A melhoria na renda e qualidade de vida destas comunidades poderiam ser alcançadas através da introdução de tecnologia na produção, sem que haja a perda das características artesanais. Em nossas pesquisas identificamos três comunidades que possuem como principal fonte de renda esta atividade artesanal, utilizando espécies vegetais encontradas na própria região. Três tipos de matérias-primas, que possuem em seu processo de beneficiamento um baixo impacto ao meio ambiente, são utilizadas neste artesanato: o Guarumã, o Tucumã e o Miriti. Apresenta-se como meio agregador de valor a combinação destes elementos artesanais com móveis e artefatos de madeira, dando a estes um maior apelo estético, sendo economicamente viável, sem maiores agressões ao meio ambiente.

Palavras-chaves: meio ambiente, espécies vegetais, comunidades ribeirinhas

² Especialista em Design de Mobiliário, Universidade do Estado do Pará

³ Graduando em Design, Bacharelado, Universidade do Estado do Pará

⁴ Graduando em Engenharia de Produção, Universidade do Estado do Pará

1. INTRODUÇÃO

As comunidades ribeirinhas do interior do Estado do Pará, são responsáveis pela fabricação do artesanato popular paraense, que baseiam suas atividades produtivas na extração e beneficiamento de partes de algumas espécies vegetais que constituem a rica biodiversidade da Região Amazônica, na forma de cestarias, chapéus, sacolas e outros artigos que facilmente são encontrados em Belém, na feira do Ver-O-Peso.

Objetos com trançados de fibras vegetais, geralmente chamados de cestarias, sempre fizeram parte da cultura material das diversas tribos indígenas existentes no Brasil, sendo que os indígenas dominam até hoje a tecnologia do trançado, utilizando de maneira sustentável os recursos da floresta, produzindo cestos, peneiras, abanos e outros artefatos utilizados em suas atividades de caça, pesca, agricultura e rituais religiosos. Como testemunho material de um determinado modo de vida, esses artefatos transmitem inúmeras informações que, no caso das produções indígenas, são referentes à ecologia, à economia, ao sistema de trocas e parentesco.

Nas sociedades indígenas mais tradicionais, como é o caso dos wayana, a execução do artesanato em cestaria, é restrito aos homens adultos da tribo, os quais são também responsáveis pela iniciação das crianças, cabendo às mulheres a maior utilização das cestarias em suas atividades domésticas e de agricultura.

O trançado que hoje é praticado por algumas comunidades caboclas do interior do Estado é, então, herança da cultura indígena, transferida através da tradição oral, que passa este conhecimento de pai para filho, caracterizando essa atividade como de produção familiar. Nesse contexto, Franco (1997, p.64) diz que “o artesanato paraense espelha o contexto cultural de seu povo, do homem da região amazônica, índio, caboclo, amazônica, e do seu meio ambiente: floresta, rio, animais, lendas, mitos...”.

Ao contrário da tradição indígena, nas comunidades ribeirinhas do Estado são as mulheres que dominam as técnicas do trançado de palha. Embora ainda produzida para uso doméstico e como artefatos para decoração, a cestaria cabocla não tem o significado místico que lhe é atribuído pela tradição indígena, porém, tem o potencial de geração de renda para as famílias que dela se ocupam.

Oliveira (1998, p. 7), que estuda novas oportunidades para o desenvolvimento regional que não a exploração madeireira, afirma que uma das alternativas para o desenvolvimento sustentado do Pará, é a “identificação e o aproveitamento dos produtos nobres da floresta, que vão além da madeira, e que possam receber no próprio local, agregação de tecnologia e obter um valor de comercialização razoável para manter a comunidade com um nível de renda adequado”.

2. METODOLOGIA

Para a produção do trabalho foram realizados levantamento bibliográfico acerca do tema, bem como visitas técnicas às comunidades produtoras deste tipo de artesanato, para um maior conhecimento de toda a cadeia produtiva dos artefatos de palha, desde sua extração e beneficiamento até sua manufatura, através de entrevistas com o povo das localidades envolvidas, observação direta e utilização de fotografias *in loco*, para posterior arquivo e melhor entendimento do processo através da visualização do mesmo.

3. RESULTADOS

Entre as diversas comunidades que praticam o artesanato em cestaria no Estado do Pará, merecem destaque as comunidades localizadas no municípios de Abaetetuba, Santarém e Utinga-Açú, no município de Barcarena. Estas utilizam as espécies vegetais classificadas em miriti (*Mauritia flexuosa* L.f.), tucumã (*Astrocaryum vulgare* Mart) e guarumã (*Ischinosiphon* Koern) respectivamente.

Em seguida será mostrada a realidade de cada comunidade, bem como a utilização dessas espécies vegetais pelos artesãos.

Abaetetuba

O município de Abaetetuba é, segundo a SETEPS, o pólo de produção dos brinquedos de miriti. Na sede do município reúne-se a comunidade de artesãos, tradicionais e aprendizes, que mantém em suas casas uma oficina onde trabalham a matéria-prima e montam seus brinquedos. Alguns artesãos também já trabalham sob encomenda, na produção de caixas feitas em miriti e que se transformam em embalagens para bombons.

O miriti é matéria-prima proveniente da palmeira do buritizeiro (*Mauritia flexuosa* L.f.). Dessa palmeira extraem-se de sua ráquis – porção central que separa os folíolos de uma folha, uma vara de aproximadamente 8 cm de diâmetro, de característica um tanto quanto esponjosa que é revestida externamente por uma camada mais resistente – a tala do miriti, a camada mais resistente, é utilizada no artesanato de cestaria, como cestinhos, peneiras, abanos e cestas em forma de caixas, que são utilizados como embalagens para bombons de chocolate com frutas regionais que são produzidos em Belém.

Depois de utilizada a tala na cestaria, fica a parte esponjosa que vulgarmente é chamada de “buxo”, e é utilizada na confecção dos tradicionais “brinquedos de miriti” (canoas, barquinhos, cobras, bonecos, etc.), que são vendidos no Círio de Nazaré, festa religiosa na capital paraense e fazem a alegria de crianças e turistas. Esse “buxo”, denominado de miriti, tem as seguintes características: é leve e fácil de ser trabalhado, não exigindo ferramentas especiais para seu corte.

Uma outra matéria-prima retirada do buritizeiro é o que se denomina de “envira”, é retirada da folha e, quando seca, se transforma em um tipo de cordão que serve para a amarração dos brinquedos e da cestaria.

A envira também é matéria-prima para o artesanato de tecelagem, quando recebe tintura e se transforma em produtos como jogos americanos, centros e toalhas de mesa, entre outros.

Santarém

O município de Santarém, berço da cultura tapajônica, também é local de uma das iniciativas de mais sucesso quando se trata do artesanato em palha de tucumã. A palha de tucumã é proveniente do tucumanzeiro que é uma palmeira da espécie *Astrocaryum vulgare* Mart., utilizada na alimentação, criação de animais, caça, habitação e utensílios domésticos, além do artesanato, que utiliza a folha nova (guia).

A palmeira do tucumanzeiro é encontrada em quase toda a região do Estado e seu habitat é a floresta de terra firme em áreas de capoeira. O artesanato em palha de tucumã é tradicional no município e se insere na categoria artesanal da

cestaria. Essa atividade, sofreu uma revitalização depois da implantação do Núcleo Mulher Cabocla do Projeto Saúde e Alegria, que coordena a experiência na comunidade de Urucureá, localizada às margens do Rio Arapiuns, a três horas de barco do município de Santarém.

A experiência, que no início agrupava 22 mulheres da comunidade, agora conta com 47 pessoas envolvidas não só na atividade artesanal específica do trançado (exclusiva das mulheres), como também nas atividades de coleta e beneficiamento da palha do tucumã, que envolve maridos e filhos, caracterizando a atividade como de produção familiar.

A atividade também se caracteriza como sendo sustentável, pois é feito o manejo comunitário da coleta da palha, onde a folha nova do tucumanzeiro (guia), que é a matéria-prima para a confecção do artesanato, possui alto poder de regeneração, pois rebrota trinta dias após a coleta.

Depois da revitalização das técnicas do trançado através da inserção do design, houve uma diversificação na produção, que de apenas 5 tipos de produtos passou a produzir mais de 22 variedades de cestas e outros tipos de artefatos. Como não poderia deixar de ser, paralelamente à inserção do design, há também a preocupação com a qualidade do produto, que hoje é comercializado para os grandes centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo.

Utinga-Açú (Barcarena)

É no município de Barcarena, que está localizado o principal pólo de produção artesanal de cestaria em guarumã, segundo a Secretaria Especial de Trabalho e Promoção Social do Estado - SETEPS, precisamente na comunidade de Utinga-Açú, a 40 minutos de barco da sede do município (zona rural).

Localizada às margens do furo que lhe empresta o nome, esta comunidade tem em praticamente todas as famílias pelo menos um artesão de guarumã, uma vez que, de 56 famílias, 54 trabalham na atividade artesanal, que é em cerca de 80% feita pelas mulheres da comunidade, conforme mostra a FIGURA 01, que herdaram as técnicas de suas mães e agora repassam para suas filhas. Essa atividade é praticamente a única fonte de geração de renda para a comunidade, produzindo os mesmos artefatos que o miriti.



FIGURA 01 – Artesã na comunidade de Utinga-Açú (Barcarena-PA)
Fonte: DEPROMA – Núcleo de Desenvolvimento de Produtos Amazônicos

Utilizado há muitos séculos pelas tribos indígenas, o guarumã é uma erva da família das marantáceas, gênero *Ischinosiphon* Koern, 1859 (VALENTE E ALMEIDA, 2001, p.27), sendo encontrado nas margens dos rios, em solo alagado (várzea). Do seu caule são retiradas as talas que são utilizadas na atividade artesanal.

Segundo Velthem (1998, p. 20), que estudou as técnicas do trançado inserido no contexto de uma cultura indígena amazônica, o guarumã é a matéria-prima por excelência para a confecção de objetos trançados, pois se destaca por suas qualidades de durabilidade e resultado estético. A tala do guarumã possui, de fato, alta flexibilidade e uma cor tendendo para o dourado, quando devidamente beneficiada.

Dentro da cadeia produtiva do artesanato em cestaria de guarumã, os homens são responsáveis pela coleta e beneficiamento da tala do guarumã.

Para melhor compreensão e entendimento, a TABELA 01 mostra de forma conjunta, as comunidades, os tipos de artefatos, espécie vegetal e exemplifica três tipos de trançados.

TABELA 01 – Comunidades produtoras de artesanato

COMUNIDADE PRODUTORA	ARTEFATOS	ESPÉCIE	EXEMPLO DE TRAMAS
Abaetetuba	Cordas, redes e objetos trançados e tecidos em geral (folhas jovens); talas e taliscas servem para fabricação de cestos, tipitis, balaios, paneiros, gaiolas para pássaro, armação de pipas e balões juninos	<i>Mauritia flexuosa</i> L.f. buriti, miriti	
Santarém	Folíolos utilizados na confecção de chapéus, bolsas, sacolas, cordas e objetos trançados em geral; taliscas servem para fabricar paneiros descartáveis	<i>Astrocaryum vulgare</i> Mart tucumã, tucum	
Utinga-Açú (Barcarena)	cestaria em geral, paneiros, peneiras, cestas e tipitis que auxiliam a atividade agrícola; fabricação de objetos trançados em geral	<i>Ischinosiphon</i> Koern guarumã, arumã	

Fonte : DEPROMA – Núcleo de Desenvolvimento de Produtos Amazônicos

Observa-se então o miriti, o tucumã e o guarumã, como sendo alguns “produtos nobres”, dos quais se extraem a matéria-prima para a atividade artesanal das comunidades ribeirinhas do Estado. Pode-se dizer também, que essa atividade artesanal, é uma atividade que agrega valor a esses recursos “nobres”, e confere às comunidades uma oportunidade de geração de renda com conseqüente melhoria da qualidade de vida.

4. CONCLUSÃO

Nos exemplos mostrados neste trabalho, sobre a atividade artesanal praticada em três comunidades, pode-se observar características de sustentabilidade, visto o baixo impacto que causam ao meio ambiente:

- A coleta de matérias-primas pode ser feita através do manejo das áreas de ocorrência das espécies em questão;
- A atividade artesanal utiliza mão-de-obra do próprio local, favorecendo as comunidades que dela se ocupam, se classificando como socialmente justa;
- A viabilidade econômica de tal atividade é verificada pela fonte potencial de geração de renda.

Todas essas características fazem do produto artesanal, um produto “ecologicamente correto”, que pode ser combinado com os móveis e artefatos produzidos pela indústria moveleira paraense. Para isso dispomos de uma poderosa ferramenta: o design, capaz de promover a diferenciação do produto no mercado. O design, como processo projetual, se insere no contexto da produção industrial não só na fase de concepção do produto (planejamento e projeto), como também em toda sua cadeia produtiva (coleta de matéria-prima, produção e venda).

O design utilizando o trançado de palha combinado a móveis e artefatos de madeira, agregará valor a estes produtos. Por agregar valor, nesse caso, entende-se identificar os novos significados que o produto pode ter dentro do contexto da região Amazônica. Nesse sentido, o novo significado que se poderia agregar a esses produtos, seriam os valores de uma consciência ecológica e justa para os povos da floresta.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DIAGNÓSTICO DO SETOR MOVELEIRO DO ESTADO DO PARÁ, **SECRETARIA EXECUTIVA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E MEIO AMBIENTE**, Programa Paraense de Tecnologias Apropriadas -PPTA – Belém, 2002. 99 p.
- FRANCO, H. B., Artesanato Paraense: tradução e expressão de uma cultura, Belém, **Nosso Pará**, n.4, p.64-79, set.1997.
- OLIVEIRA, N. P., A Vez da Amazônia, Belém, **Poematropic**, n.2, p.4-8, jul./dez. 1998.
- SOARES, F., Quando o Eco-design é mais que Verde, Rio de Janeiro, **Estudos em Design**, v.7, n.3, p.77-93, dez. 1999.

TEIXEIRA, R., Gestão Urbana e Desenvolvimento Sustentável, Belém, **Universidade Federal do Pará**, Núcleo de Altos estudos Amazônicos, jan.1998. 16p.(mimeogr.)

VALENTE, R., ALMEIDA, S. **As Palmeiras de Caxiuanã**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2001. 54 p.

VELTHEM, L. H. **A Pele de Tuluperê**: uma etnografia dos trançados wayana. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1998. 251 p. (Coleção Eduardo Galvão)

ABSTRACT

It's perceived the sustainable development with a way to obtain a determinate economic growth without the degradation of environment and it's natural recourses. In function of this to search to discover new forms from utilization of raw materials found in abundance in State of Pará, that isn't be the wood. Some riparian communities of the State has been huge potential of generation of revenue through collection and manufacture of some parts of palm trees (non woody vegetable), which are utilized in production of craft with the insert of plaited of straw. The betterment in revenue and life quality of these communities can be attained through introduction of technology on production, without having loss of characteristics of workmanship. In ours researches identified three communities that have as principal font of revenue this active with workmanship, utilized vegetable species found in their region. Three types of raw materials that have in its process of improvement a low impact the environment, are utilized in this workmanship: The "Guarumã", The "Tucumã" and the "Miriti". To introduce as way aggregator of value the combination of this elements of workmanship with furniture and artifact made of wood, giving them a bigger esthetic appeal, being practicable thrifty, without a bigger environmental damage.

Key-words: environment, vegetable species, riparian communities